

A Grande Tribulação versus A Esperança Pós-milenista?

Kenneth L. Gentry, Jr.



O últimos dias como você nunca ouviu falar!

César Francisco Raymundo

CRAD MICHAEL
MURRAY



DEIXADOS PARA TRÁS

Separando a Ficção
da Realidade

Revista Cristã
Última Chamada

- ▶ Arrebatamento
- ▶ Fim do mundo
- ▶ Guerras
- ▶ Grande Tribulação
- ▶ Milênio
- ▶ Preterismo
- ▶ Pós-milenismo

www.
revistacrista
.org

A Grande Tribulação
versus
A Esperança Pós-milenista

Kenneth Gentry, Jr.



revista cristã
última chamada

- Edição de Setembro de 2023 -

Patrocine esta obra!

Colabore com este trabalho que visa reformar o verdadeiro ensinamento sobre a Escatologia (ou fim dos tempos), o qual foi tão suprimido nos últimos séculos. Acima de tudo pedimos que nos ajude com as suas orações, para que possamos continuar a ter vigor para continuar e resistir os desafios de cada dia.

Se você pretende patrocinar esta revista, saiba, nós não prometemos as bênçãos de Deus para você, mas garantimos que você estará abençoando outros que precisam ter nossas literaturas gratuitamente.

Doe via depósito bancário

Banco: Caixa Econômica Federal

Em favor de: César Francisco Raymundo

Agência: 3298

Operação: 013

Conta: 00028081-1

Usufrua gratuitamente do site

Temos perto de mil arquivos de artigos, vídeos e mensagens sobre escatologia em geral. Todos eles divididos em ordem alfabética.

www.revistacrista.org

Contato:

ultimachamada@bol.com.br

contato@revistacrista.org

**A Grande Tribulação
versus
A Esperança Pós-milenista**

Autor: Kenneth Gentry, Jr.

Revista Cristã Última Chamada
- Edição de Setembro de 2023 –

Capa: César Francisco Raymundo
(Imagem da internet)

Revista Cristã Última Chamada publicada
com a devida autorização e com todos os
direitos reservados no Escritório de Direitos
Autorais da Biblioteca Nacional do Rio de
Janeiro sob nº 236.908.

É proibida a distribuição deste material para fins comerciais.
É permitida a reprodução desde que seja distribuído gratuitamente.

Editor
César Francisco Raymundo

E-mail: ultimachamada@bol.com.br
Site: www.revistacrista.org

Setembro de 2023
Londrina - Paraná

Índice

Sobre o autor	08
A Grande Tribulação versus A Esperança Pós-milenista	09
Parte 1	10
Como o pós-milenismo contemporâneo lida com a grande tribulação	
Parte 2	15
Cenário literário	16
Cenário histórico	17
Comando específico	19
Parte 3	21
Falsos profetas	21
Guerras e rumores de guerras	22
Parte 4	26
Perseguição e apostasia	27
Conclusão desta Parte	28
Parte 5	30
Proclamação do Evangelho	30
Abominação da desolação	31
Parte 6	34
Consideremos o versículo que menciona diretamente “a grande tribulação”	

Parte 7	38
Alguns textos difíceis	
A vinda de Cristo	38
As estrelas cairão	39
Vindo nas nuvens	40
Reunindo os eleitos	41
Conclusão	43
Obras importantes para pesquisa...	44

Sobre o autor



Kenneth L. Gentry, Jr., Th.D., é um pastor, escritor, palestrante e conferencista conservador reformado. Nasceu e cresceu em Chattanooga, Tennessee. Obteve o seu título de Mestre em Divindade (M.Div.) no Reformed Theological Seminary e o Mestre (Th.M.) e Doutor em Teologia (Th.D.) no Whitefield Theological Seminary. Ele é o Diretor do NiceneCouncil.com e pastor na Reformed Presbyterian Church, General Assembly.

É casado (desde 1971) e tem três filhos e cinco netos.

A Grande Tribulação

versus

A Esperança Pós-milenista

A Grande Tribulação “como desde o princípio do mundo até agora não tem havido e nem haverá jamais” (Mateus 24:21), aparentemente, parece ser uma pedra no sapato daqueles que defendem a esperança pós-milenista. No sistema de interpretação pós-milenista cremos que tem havido desde os tempos de Cristo uma melhora gradual no mundo, apontando assim para a chegada de uma Era Dourada em que todas as nações se converterão ao Senhor e aposentarão suas armas de guerras (Isaías 2:1-5).

Mas como conciliar a grande tribulação profetizada por Jesus com essa esperança otimista? Como podemos aguardar uma Era Dourada de paz e prosperidade em um mundo que está condenado a receber a ira de Deus através de uma tribulação da qual nunca houve na história humana? O Sermão Profético de Jesus em Mateus 24 ainda está para ser cumprido?

Estas e outras questões são respondidas com simplicidade nesta obra escrita na forma de vários artigos publicados no site do Dr. Kenneth Jr., uma das maiores autoridades sobre o assunto fim dos tempos. Com certeza o leitor se surpreenderá com as respostas dadas pelo Dr. Gentry.

César Francisco Raymundo
Editor da www.revistacrista.org

Parte 1

Como o pós-milenismo contemporâneo lida com a grande tribulação

Com este artigo, começo uma série sobre como o pós-milenismo contemporâneo lida com a grande tribulação. Esta será basicamente uma análise de grande parte de Mateus 24. Esta série deve fornecer ao leitor interessado uma compreensão básica de como o pós-milenismo responde à reclamação de que a profecia de Jesus sobre a “grande tribulação” mina a nossa esperança histórica. Como tal, espero que os leitores pós-milenistas possam partilhar estes estudos com os seus amigos que não são pós-milenistas – especialmente se eles realmente já não precisam de amigos.

Esta série é significativa porque os cristãos evangélicos americanos estão intensamente interessados no que o Novo Testamento chama de “a grande tribulação”. Muitos livros extremamente populares e best-sellers foram escritos sobre esse fenômeno, incluindo *The Late Great Planet Earth* [A Agonia do Grande Planeta Terra] (30 milhões de cópias vendidas) e a série *Left Behind* [Deixados para Trás] (65 milhões de cópias).

A grande tribulação é significativa e merece consideração cuidadosa. Isto não se deve apenas à sua influência no pensamento evangélico contemporâneo, mas (mais importante) à sua grande

presença nas Escrituras. A Bíblia aborda esse tema em muitos contextos, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento. Além disso, parece contradizer o otimismo histórico do pós-milenismo. Consequentemente, será crucial estudá-lo à luz da nossa apresentação da esperança pós-milenista.

As duas porções mais significativas das Escrituras que tratam da grande tribulação são encontradas nos ensinamentos de Jesus e no Apocalipse de João. Aparece com destaque em um dos principais discursos registrados de Cristo: o Discurso do Monte das Oliveiras em Mateus 24–25 (cp. Marcos 13; Lucas 21:5–36). Os primeiros trinta e quatro versículos de Mateus 24 enfocam a grande tribulação, até mesmo empregando a frase do versículo 21.

Como sistemas pessimistas, as posições escatológicas não-pós-milenistas veem o nosso futuro nos termos mais sombrios. E isto em grande parte devido ao ensino bíblico sobre a grande tribulação. Por exemplo, o teólogo amilenista Herman Hanko observa que o pós-milenismo “está em nítido contraste com todo aquele conjunto de dados bíblicos que descreve os dias anteriores à vinda de Cristo como dias em que abunda a ilegalidade (Mateus 24:12)” e “o próprio Mateus 24 é uma forte prova de tudo isso.” O pré-milenista Wayne Grudem concorda: “Mateus 24 é uma passagem muito difícil da perspectiva pós-milenista”.

Qualquer sistema escatológico bíblico deve ser capaz de explicar a grande tribulação se quiser ser ouvido. Mas esta é uma questão especialmente importante para o pós-milenismo devido ao seu otimismo histórico de longo prazo. Como pode o pós-milenista propor uma perspectiva otimista para a história se Cristo, João e outros escritores bíblicos alertam para um tempo de grande tribulação? A própria ideia de uma grande tribulação parece entrar em conflito com a perspectiva vitoriosa do pós-milenismo.

Nesta série farei uma breve visão geral do Discurso do Monte das Oliveiras. Esta visão geral servirá a dois propósitos: (1) Interpretará esta grande e importante questão na profecia bíblica. (2) Demonstrará como a grande tribulação se enquadra na perspectiva otimista do pós-milenismo.

O debate de longa data sobre Mateus 24 é lamentável. Quando olhamos cuidadosamente para a profecia não é tão difícil compreendê-la dentro de um esquema pós-milenista. Um problema que os leigos evangélicos modernos enfrentam é que o discurso de Jesus está solidamente enraizado no Antigo Testamento. Infelizmente, eles tendem a ser tão orientados pelo Novo Testamento não entendendo adequadamente o pano de fundo do Antigo Testamento. Devemos lembrar que Jesus estava falando para um público judeu do primeiro século, imerso na revelação da antiga aliança (o próprio Antigo Testamento).

Para nossos propósitos nesta série, focarei na parte do Discurso do Monte das Oliveiras que se refere à “grande tribulação”. Sem dúvida, no nosso contexto evangélico moderno de apocaliticismo popular e interesse por todas as coisas escatológicas, esta passagem vem à mente das pessoas quando elas perguntam: “Estamos vivendo nos últimos dias?” “Será que nossos dias estão prestes a testemunhar o cumprimento dessas profecias?”

Esta passagem é familiar para a maioria dos cristãos. Quem não ouviu a terrível profecia de “guerras e rumores de guerras”? Ou de “terremotos em vários lugares”? Ou a perspectiva alarmante da “abominação da desolação”? Quem não temeu o som da “grande tribulação” reverberando dos lábios de nosso Senhor Jesus Cristo? Infelizmente, embora Mateus 24 seja familiar para a maioria, poucos o compreendem.

A maioria dos cristãos da nossa geração e especialmente dentro do evangelicalismo moderno, acreditam que entramos recentemente nos

“últimos dias”. Frequentemente apontam Mateus 24 como um sinal para o início dos últimos dias. Eles acreditam que este texto ainda oferece sinais indicando que a grande tribulação está prestes a explodir em cena, pontuando o fim da Era da Igreja.

Os distribuidores de livros e sites em toda a América hoje estão cheios de cenários do fim dos tempos que alertam que a grande tribulação em Mateus 24 e os eventos do Livro do Apocalipse estão prestes a irromper ao nosso redor. Eles exortam os cristãos a esperar o arrebatamento iminente do povo do Senhor para que a grande tribulação e os julgamentos do Apocalipse possam irromper. Livros como:

- Tim LaHaye and Craig Parshall, *Brink of Chaos* (2012) and *Edge of Apocalypse* (2010)
- Joel C. Rosenberg, *Damascus Countdown* (2013)
- Grant R. Jeffrey, *The New Temple and the Second Coming: The Prophecy That Points to Christ's Return in Your Generation* (2007) and *Countdown to the Apocalypse* (2008)
- Ron Rhodes, *The End Times in Chronological Order: A Complete Overview to Understanding Bible Prophecy* (2012)
- Ron Rhodes, *New Babylon Rising: The Emerging End Times World Order* (2019)
- John Hagee, *Four Blood Moons: Something Is about to Change* (2013).

Estes são apenas alguns dos títulos que lotam as prateleiras das livrarias cristãs [nos EUA]¹ e alarmam os cristãos hoje. Todos esses

¹ No Brasil ocorre o mesmo fenômeno nas prateleiras das livrarias e editoras evangélicas.

livros baseiam-se abundantemente nas profecias de Mateus 24 e, claro, em passagens relacionadas no Livro do Apocalipse.

Como devemos entender esse discurso crucial? O que é “a grande tribulação” da qual Cristo fala no versículo 21: “Então haverá uma grande tribulação, como nunca ocorreu desde o princípio do mundo, até agora, nem jamais haverá”?

Fique atento! Estarei respondendo a seguir a essas perguntas.

Parte 2

Esta é a segunda parte de uma série de várias partes que explica como podemos acreditar no pós-milenismo, embora Jesus ensine sobre “a grande tribulação” que está por vir. Nesta série de artigos aprenderemos um fato notável: A grande tribulação já passou. Na verdade, ocorreu há muito tempo, no primeiro século, e estava relacionado com a destruição do templo no ano 70 d.C.

Obviamente, se assim for, então a grande tribulação marcou o início do Cristianismo (como a fase da nova aliança do reino de Deus) e não tem qualquer relação direta com o fim da Era da Igreja (supostamente situada no nosso futuro próximo). Assim, não contradiz o otimismo histórico do pós-milenismo. Consideremos as evidências.

A maioria dos evangélicos concentra-se nos julgamentos notáveis em Mateus 24. E fazem-no a tal ponto que ignoram importantes pistas contextuais que vão contra a concepção popular da grande tribulação. E fazem isso apesar de essas pistas serem bastante claras e convincentes.

Essas pistas giram em torno de Mateus 24:34, que envolve a observação chave para uma compreensão adequada da grande tribulação. Este é o texto no qual devemos nos concentrar; será a nossa estrela-guia iluminando o nosso caminho através desta passagem escura e assustadora. Observemos:

Cenário literário

Primeiro, este versículo liga a grande tribulação ao primeiro século. Na verdade, Cristo declara especificamente que a grande tribulação ocorrerá durante a vida do seu público original. Ele estabelece claramente o prazo em que isso acontecerá: “Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que todas estas coisas aconteçam” (Mateus 24:34).

Encontramos importantes evidências interpretativas no cenário histórico e contextual de Mateus 24 que nos ajudam a compreender esta afirmação. Devemos analisar a declaração de Jesus no seu próprio contexto histórico e literário. Isto é, devemos olhar para Mateus 23 como introdução a Mateus 24. Vejamos como este contexto ajuda a nossa compreensão.

Em Mateus 23, Jesus invoca desgraças sobre os escribas e fariseus de sua geração (Mateus 23:13, 14, 15, 16, 23, 25, 27, 29). Eles são seus antagonistas; eles são o pano de fundo contra o qual sua profecia deve ser compreendida. Ao concluir sua seção de desgraças, ele profetiza solenemente em Mateus 23:32: “Enchei, pois, a medida da culpa de vossos pais”. Em outras palavras, eles são culpados; agora eles preencherão sua culpa final.

Um motivo importante motiva a denúncia de Jesus aos fariseus: eles estariam preenchendo a medida da culpa de seus pais atacando os cristãos. Observe Mateus 23:34–36:

“Eis que eu vos envio profetas, sábios e escribas; a alguns deles matareis e crucificareis, a alguns deles açoitareis nas vossas sinagogas e perseguireis de cidade em cidade, para que sobre vós recaia a culpa de todo o sangue justo derramado na terra. Em verdade vos digo que todas estas coisas acontecerão a esta geração.”

O próprio cenário em que Cristo pronuncia o Discurso do Monte das Oliveiras é o de um julgamento iminente sobre a Jerusalém do primeiro século.

Devemos compreender que os escribas e fariseus vivem numa geração muito importante. Foi a época em que o Messias virá. Tragicamente, “ele veio para o que era seu, e os seus não o receberam” (João 1:11). O Israel do primeiro século viveu na “plenitude dos tempos” (Marcos 1:15), mas perdeu a oportunidade. Eles experimentaram a mesma era que “muitos profetas e justos desejavam ver” (Mt 13:17; cp. João 8:36), mas estavam cegos para isso. Eles viveram “o tempo da tua visitaçãõ”, mas “não o reconheceram” (Lucas 19:44). Na verdade, Jesus “queria reuni-los” sob seus cuidados, mas eles “não quiseram” (Mateus 23:37).

Assim, em Mateus 24:34, Jesus avisa: “Em verdade vos digo que não passará esta geração até que todas estas coisas aconteçam.” Aqueles a quem ele está falando (seus discípulos do primeiro século, Mateus 24:1-2) reconhecerão os julgamentos na proclamação da grande tribulação do Senhor. Esta é uma afirmação muito clara e dogmática.

Devemos notar que ele afirma aqui que esta geração não passará até que todas estas coisas aconteçam. Isso inclui a grande tribulação mencionada em Mateus 24:21. Mateus 24:34 emprega linguagem virtualmente idêntica à declaração de Mateus 23:36 sobre a iminente perseguição aos cristãos: “Em verdade vos digo que todas estas coisas hão de vir sobre esta geração.”

Cenário histórico

Em segundo lugar, esta profecia centra-se especificamente no templo do primeiro século para o qual Jesus está fisicamente voltado.

Observemos o que motivou o Discurso do Monte das Oliveiras. Em Mateus 23:37, 38, lemos sobre um Salvador de coração quebrantado lamentando:

“Ó Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que lhe são enviados, quantas vezes eu quis reunir os seus filhos, como a galinha reúne os seus pintinhos debaixo das asas, e tu não quiseste. Eis que a vossa casa vos será deixada deserta.”

A própria Jerusalém que se espalhava diante dele (Mateus 23:37a), a terra onde os profetas foram mortos enquanto desafiavam abertamente a Deus (Mateus 23:31), aquelas pessoas que rejeitaram suas propostas amorosas (Mateus 23:37b), aquele templo agora sendo deixado desolado (Mateus 23:38) - estes estão na mente e no coração de Jesus enquanto ele profetiza a grande tribulação.

Observe a resposta dos seus próprios discípulos à sua declaração solene contra o templo. Momentos depois do seu aviso de que a sua casa sagrada estava ficando desolada, lemos: “Jesus saiu do templo” (Mateus 24:1). Esse era o mesmo templo que ele acabara de declarar que estava desolado (Mateus 23:38). Então, quando ele “estava saindo” daquele templo do primeiro século, seus discípulos “subiram para lhe mostrar os edifícios do templo” (Mateus 24:1b). Então lemos em Mateus 24:2:

“Você não vê todas essas coisas? Em verdade vos digo que aqui não ficará pedra sobre pedra que não seja derrubada. E quando ele estava sentado no Monte das Oliveiras, os discípulos aproximaram-se dele em particular, dizendo: ‘Dize-nos quando serão essas coisas e qual será o sinal da tua vinda e do fim dos tempos?’”

Como fato histórico e arqueológico, o templo ao qual Jesus se refere foi destruído no ano 70 d.C. Nenhum templo existiu em Jerusalém desde aquela época. A profecia do Senhor refere-se a um templo que foi destruído apenas quarenta anos depois – uma

“geração” depois (quarenta anos = uma geração; Números 32:13; Salmos 95:10).

Comando específico

Terceiro, Jesus ordena que aquelas pessoas em particular antes dele façam alguma coisa. Em Mateus 24:15 ele discute a “abominação da desolação” que prepara seus discípulos para “a grande tribulação” (Mateus 24:21): “Os que estão na Judéia fujam para os montes”. É evidente que este não é um fenômeno mundial, pois ele o limita a Jerusalém e à Judeia – porque é onde o templo está localizado.

Sabemos pela história que a igreja de Jerusalém atendeu à advertência de Cristo. Eles fugiram de Jerusalém e foram para [a cidade de] Pella quando estourou a Guerra Judaica com Roma. O historiador da igreja primitiva Eusébio (ca. 263-339 d.C.) registra este evento histórico:

“O povo da igreja em Jerusalém foi ordenado por uma revelação, concedida a homens aprovados lá antes da guerra, a deixar a cidade e morar em uma certa cidade da Peréia chamada Pella. E quando aqueles que creram em Cristo vieram de Jerusalém para lá, então, como se a cidade real dos judeus e toda a terra da Judéia estivessem inteiramente destituídas de homens santos, o julgamento de Deus finalmente alcançou aqueles que cometeram tais ultrajes contra Cristo e seus apóstolos, e destruiu totalmente aquela geração de homens ímpios.”

(História Eclesiástica 3:5:3)

Nestas três principais linhas de evidência vemos que o foco da profecia da grande tribulação está na Jerusalém do primeiro século e no templo. Independentemente dos “especialistas em profecia” contemporâneos, o Senhor localiza o tempo da grande tribulação

num evento do primeiro século. Assim, neste argumento principal vemos que “a grande tribulação” está no nosso passado. Mas há mais.

Mas há mais! Portanto, espero que você se junte a mim lendo meu terceiro artigo desta série.

Parte 3

Muitos consideram que a grande tribulação destrói a possibilidade de uma esperança de longo alcance para a história, tal como acontece no pós-milenismo. Nesta série contínua estou explicando como o pós-milenista pode explicar a grande tribulação, mantendo ao mesmo tempo a sua esperança histórica para o longo prazo. Este é o terceiro artigo desta série. Então, vamos a leitura.

De acordo com meu último artigo, Jesus declara abertamente que os eventos da grande tribulação ocorrerão no primeiro século. Sendo esse o caso, deveríamos esperar encontrar provas de que de fato ocorreram naquela altura. E nós encontramos! Vamos examinar alguns deles. Veremos o cumprimento histórico de várias de suas declarações em Mateus 24, no primeiro século.

Falsos profetas

Em Mateus 24:5 e 11 Jesus alerta sobre falsos cristos e profetas. Ou seja, ele está alertando sobre o perigo de falsos entusiastas religiosos que surgirão na tentativa de distrair e perturbar seus discípulos.

Os falsos líderes religiosos são um problema abundante naquela época, como vemos nos exemplos de Teudas (Atos 5:36), Simão (Atos 8:9, 10) e na advertência geral de Paulo aos anciãos de Éfeso (Atos 20:29–30). Por exemplo, Paulo expressa seu medo pela igreja de Éfeso: “Sei que, depois da minha partida, lobos selvagens entrarão

no meio de vocês, não poupando o rebanho; e dentre vós mesmos surgirão homens, falando coisas perversas, para atrair os discípulos atrás deles” (Atos 20:29–30).

O registro histórico do historiador e sacerdote judeu do primeiro século Josefo (ca. 37-101 DC) também documenta falsos líderes religiosos que operaram durante a Guerra Judaica com Roma, que provocou a destruição do templo: “tais homens enganaram e iludiram os pessoas sob o pretexto de inspiração divina” (Guerras Judaicas 2:13:4 §259). Ele fala de outros como “impostores e enganadores [que] persuadiram a multidão a segui-los para o deserto e fingiram que exibiriam maravilhas e sinais manifestos” (Antiguidades 20:8:6 §167–68).

Claramente, as Escrituras e os registros históricos contemporâneos testificam do perigo muito real de falsos mestres religiosos desencaminharem os judeus logo após a morte de Cristo.

Guerras e rumores de guerras

Mateus 24:6 e 7 fala de “guerras e rumores de guerras”. Este é um sinal que ouvimos constantemente hoje em discussões escatológicas. Visto que sempre houve guerras, a quais delas Jesus se refere? Como esse sinal bastante amplo é útil?

Para compreender o significado deste sinal, devemos considerar um fato político importante da história do primeiro século. Quando o Senhor deu este sinal ao seu público, eles estavam vivenciando a famosa Pax Romana (latim para “a paz de Roma”). Mas o que é esta “paz de Roma”? E como isso é significativo para a compreensão da profecia de Jesus?

Através de conquistas militares e conhecimento político, o imperador Augusto César estabeleceu este período de notável paz pouco antes do nascimento de Cristo (ele era o imperador reinante quando Jesus nasceu, Lucas 2:1). Esta foi uma época impressionante de paz generalizada, livre da guerra. O filósofo judeu do primeiro século, Filo (ca. 29 a.C.-50 d.C.), fala do império romano sendo “livre de toda sedição e regulado e obediente a leis admiráveis” (Embaixada a Gaio 2:8). O naturalista e escritor romano Plínio, o Velho (que morreu na erupção do Monte Vesúvio em 79 d.C.) descreve “a imensurável majestade da paz romana” (História Natural 27:3). O pai da igreja do século III, Orígenes (ca. 182-254), menciona a “abundância de paz que começou com o nascimento de Cristo” (Contra Celso 2:30).

O estudioso do Novo Testamento, Bo Reicke, observa que “no próprio Império Romano, o período de paz permanece comparativamente inalterado até a época de Nero”. O imperador Nero violou a Pax Romana ao se envolver na Guerra Judaica que resultou na destruição de Jerusalém e do templo judaico. Consequentemente, a profecia do Senhor oferece um sinal significativo que adverte os cristãos de que, apesar da Pax Romana, ouvirão falar de “guerras e rumores de guerras” quando “nação se levantaria contra nação”.

Quando a Guerra Judaica eclodiu no final da década do ano 60 d.C., quebrou a famosa Pax Romana. Nesta importante guerra, Roma marchou vitoriosamente através de Israel e esmagou impiedosamente aquele estado inquieto. Embora a revolta judaica tenha eclodido inicialmente no final do ano 66 d.C., a guerra formal resultante começou na primavera do ano 67 d.C. Foi quando Nero encarregou formalmente seu general Vespasiano de esmagar a revolta. Como Josefo coloca: “Nero, após a derrota de Céstio, estava com medo de todo o evento da guerra, e então tornou Vespasiano general nesta guerra” (Jewish War Pref., 8 §21; cp. 3:1:1–3 §1–8).

Nessa guerra, a Síria, a Arábia, o Egito e outras nações alinharam-se contra Israel. Josefo observa que Vespasiano garantiu “um número considerável de auxiliares dos reis daquela vizinhança” (Guerra Judaica 3:1:3 §8). Mais tarde, ele escreve:

“...houve também um número considerável de auxiliares reunidos, vindos dos reis Antíoco, e Agripa, e Sohemus, cada um deles contribuindo com mil soldados de infantaria que eram arqueiros, e mil cavaleiros. Malchus também, o rei da Arábia, enviou mil cavaleiros, além de cinco mil soldados de infantaria, a maior parte dos quais eram arqueiros; para que todo o exército, incluindo os auxiliares enviados pelos reis, tanto cavaleiros como lacaios.”

(Guerra Judaica 3:4:2 §68)

Quando Tito, filho de Vespasiano, assumiu a luta, Josefo menciona o grande aumento do número de tropas estrangeiras envolvidas no cerco de Jerusalém: “aqueles auxiliares que vieram dos reis, sendo agora em número maior do que antes, juntamente com um número considerável que veio à sua assistência da Síria” (Josefo, Guerra Judaica 5:1:6 §42).

Mas esta era não só vivenciou a Guerra Judaica, como também resultou numa grande e destrutiva guerra civil na própria Roma. Em junho do ano 68 d.C., Nero cometeu suicídio quando Roma irrompeu em revolta civil e conflito militar (Josephus, Jewish War Pref., 9 §23). A Grã-Bretanha, a Alemanha e a Gália revoltam-se contra Roma e procuram romper com o império. Roma temia que os partos do Oriente se mobilizassem devido à desordem do Império naquela época.

O historiador romano Tácito (56-117 d.C.) escreve: “A história em que estou entrando é a de um período rico em desastres, terrível com batalhas, dilacerado por lutas civis, horrível mesmo em paz. Quatro imperadores falharam pela espada; houve três guerras civis, mais guerras estrangeiras e muitas vezes ambas ao mesmo tempo”

(Histórias 1:2). Ele lamenta que “Roma e Itália sejam completamente devastadas pela guerra interna” (Hist. 4:75). Josefo relata de forma semelhante que: “tudo estava em desordem após a morte de Nero” (Jewish War Pref. 1:2 §5).

Assim, tanto Jerusalém como Roma estavam enfrentando nação surgindo contra nação (Mateus 24:7). Estas “guerras e rumores de guerras” (Mateus 24:6) foram verdadeiros sinais para aquela geração do primeiro século.

Os fatos históricos se ajustam à nossa compreensão exegética do Discurso do Monte das Oliveiras e à sua ênfase na grande tribulação. Mas há mais. Muito mais. Por favor, junte-se ao meu próximo artigo.

Parte 4

Esta é a nossa quarta parte sobre a grande tribulação na escatologia pós-milenista. Atualmente estamos examinando Mateus 24 e seus sinais preparatórios para a grande tribulação, mostrando que estes sinais ocorreram historicamente no primeiro século.

Chegamos agora a Mateus 24:7b, onde ele declara que “em vários lugares haverá fome”. As fomes são fáceis de documentar no mundo bíblico do primeiro século, onde foram particularmente devastadoras. Por exemplo, em Atos 11:28 lemos sobre a profecia de Ágabo sobre uma “grande fome” que ocorreria durante o reinado de Cláudio (anos 50 d.C.): “Levantou-se um deles, chamado Ágabo, e anunciou pelo Espírito que deveria haver grande fome em todo o mundo: que aconteceu nos dias de Cláudio César.” Esta é provavelmente a fome que Josefo menciona como atingindo Jerusalém: “Uma fome os oprimiu naquele tempo, e muitas pessoas morreram por falta do que era necessário para obter comida” (Antiguidades 20:2:5 §51).

Os escritores clássicos testemunham as fomes generalizadas e recorrentes nos anos 50 e 60 d.C. Descobrimos isso nas obras de Suetônio, Dio Cassius, Eusébio e Orósio. Por exemplo, falando de Roma no ano 51 d.C., Tácito escreve: “Este ano assistimos a muitos prodígios Outros presságios foram vistos na escassez de milho, resultando em fome. . . . Ficou estabelecido que não havia fornecimento de alimentos para mais de quinze dias na cidade.” (Anais 12:43)

Como observado acima, Josefo fala da fome em Jerusalém (Antiguidades 20:2:5), que mais tarde ele chama de “a grande fome” (Antiguidades 20:5:2 §101). Ele menciona outras (Antiguidades 20:5:2 §101; Guerra Judaica 3:7:11 §180; 4:1:9 §62; 6:3:3).

Mateus 24:7c acrescenta: “em vários lugares haverá fomes e terremotos”. Um terremoto particularmente terrível sacode Jerusalém no ano 67 d.C. Josefo registra esta terrível catástrofe: “Irrompeu uma tempestade prodigiosa durante a noite, com a maior violência, e ventos muito fortes, com as maiores pancadas de chuva, e relâmpagos contínuos, trovões terríveis e incríveis concussões e rugidos da terra, que ocorreram em um terremoto” (Guerra Judaica 4: 4: 5 §286).

Tácito menciona terremotos em Creta, Roma, Apaméia, Frígia, Campânia, Laodicéia (famosa no Apocalipse) e Pompéia durante o período imediatamente anterior à destruição de Jerusalém. Fortes terremotos assolam os reinados dos imperadores Calígula (37-41 d.C.) e Cláudio (41-54 d.C.). De acordo com Sêneca (ca. 4 a.C.-65 d.C.), outros ocorrem na Ásia, Acaia, Síria e Macedônia. Sobre esta época, o comentário de Ellicott observa: “Talvez nenhum período na história do mundo tenha sido tão marcado por estas convulsões como aquele que se interpõe entre a crucificação e a destruição de Jerusalém.”

Perseguição e apostasia

Em Mateus 24:9 e 10 Jesus alerta sobre perseguição e apostasia:

“Então vos entregarão à tribulação e vos matarão, e sereis odiados de todas as nações por causa do meu nome. E naquele tempo muitos cairão e entregarão uns aos outros e odiarão uns aos outros”.

Quase todos os capítulos de Atos detalham as perseguições que a igreja sofreu naqueles primeiros anos: “E naquele dia levantou-se uma grande perseguição contra a igreja em Jerusalém; e todos foram espalhados pelas regiões da Judéia e Samaria, exceto os apóstolos” (Atos 8:1; cp. Atos 4:27; 16:20; 17:7; 18:12; 21:11; 24:1–9; 25:1–2).

Muito naturalmente, o resultado de perseguição severa é a apostasia. João escreve sobre a apostasia no primeiro século: “Eles saíram do nosso meio, mas não eram dos nossos; pois se eles fossem dos nossos, teriam continuado conosco; mas eles saíram para que fosse manifesto que nenhum deles era de nós” (1 João 2:19; cp. 2 e 3 João). A Epístola aos Hebreus indica uma apostasia considerável entre os judeus convertidos ao cristianismo (cf. Hebreus 2.1-4; 6.1-6; 10.26-31). Tácito até alude à apostasia durante a perseguição nerônica: “Primeiro, Nero mandou prender cristãos auto-reconhecidos. Então, com base nas informações deles, um grande número de outros foram condenados” (Tácito, Anais 15).

Conclusão desta Parte

Assim, um rápido levantamento dos registros bíblicos e históricos mostra que muitas das profecias em Mateus 24 se cumpriram no primeiro século. Isto se encaixa perfeitamente com o período de tempo de Mateus 24:34, onde nosso Senhor afirma: “esta geração não passará até que todas estas coisas aconteçam”. Portanto, vemos que o pós-milenismo não foi impactado negativamente pela passagem da grande tribulação – até agora.

Mas surgem problemas em outros textos de Mateus 24. Portanto, a seguir devemos considerar as dificuldades enfrentadas por esta interpretação do primeiro século. Estas parecem ser um pouco mais difíceis de aplicar ao primeiro século e são frequentemente utilizadas

para contrariar a análise preterista feita até agora. Então, até a próxima!

Parte 5

Ao oferecer a minha quinta contribuição nesta série sobre o papel da grande tribulação no pós-milenismo, passamos agora a considerar várias dificuldades interpretativas. Pelo menos, versículos que parecem difíceis de aplicar no primeiro século.

Jesus afirma expressamente que todas essas coisas acontecerão “nesta geração” (Mateus 24:34). Independentemente de quão difícil possa parecer o cumprimento no primeiro século para algumas das declarações de Jesus, a sua clara declaração de prazo controla a nossa interpretação da passagem. Consideremos as questões problemáticas que surgem nas profecias restantes.

Proclamação do Evangelho

Muitos oponentes da análise do primeiro século apontam, em primeiro lugar, para a declaração de Jesus a respeito da pregação do evangelho: “E este evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as nações, e então o fim virá. vem” (Mateus 24:14). Como podemos explicar esta afirmação? O “mundo inteiro” ouviu o evangelho? Isto parece uma objeção formidável contra o cumprimento do primeiro século. Mas as aparências enganam.

Na verdade, o significado da palavra grega oikumene (“mundo”) aqui não se refere necessariamente ao planeta inteiro. Podemos

colher muitos exemplos de significado mais restrito em várias Escrituras. Por exemplo, em Atos 24:5, Lucas registra a oposição judaica contra Paulo, na medida em que o acusam de causar dissensão entre os judeus “em todo o mundo”. Certamente isto significa o seu mundo, o mundo da sua experiência, o Império Romano.

Mas ainda mais significativamente o Novo Testamento nos informa que o evangelho é pregado em todo o mundo conhecido daquela época: “Primeiro, dou graças ao meu Deus, por meio de Jesus Cristo, por todos vocês, porque a sua fé está sendo proclamada em todo o mundo” (Romanos 1:8). Paulo até escreve que “o evangelho. . . veio a vós, como em todo o mundo” (Colossenses 1:6, cp. v. 23). Curiosamente, nesta declaração ele usa a palavra kosmos, que pode e muitas vezes fala do mundo inteiro. No entanto, ele declara que o evangelho chegou “em todo o mundo”.

Assim, em Mateus 24:14, Jesus simplesmente afirma que o evangelho será pregado em todo o mundo conhecido daquele dia antes que esses eventos atinjam o seu clímax. Ou seja, não se limitará a Israel, como foi o seu ministério (Mateus 10:6; 15:24).

Abominação da desolação

O que devemos concluir da sua declaração a respeito da temida “abominação da desolação”? Em Mateus 24:15 o Senhor declara: “Portanto, quando virdes a abominação da desolação, de que foi falada pelo profeta Daniel, estando no lugar santo.” Esta profecia é frequentemente associada a um Anticristo que governará o mundo no futuro.

Porém, ao contrário da opinião popular, isto também deve ocorrer no primeiro século. Vemos isso a partir da seguinte evidência: (1) Esta “abominação” está no “lugar santo”, isto é, o templo está

imediatamente diante deles (cp. Mateus 23:38-24:2). (2) Seu público não poderia imaginar nenhuma outra localidade, pois Jerusalém é a “cidade santa” (Neemias 11:1, 18; Isaías 48:2; 52:1; Daniel 9:24; Mateus 4:5; 27:53) (3) Cristo está respondendo a perguntas relativas a esse mesmo templo (cf. Mateus 24:1). Ele até aponta para o templo enquanto responde (Mateus 24:2). Esse lugar sagrado será desmantelado pelos soldados romanos dentro de quarenta anos, uma geração.

A “abominação da desolação” é a destruição de Jerusalém e do templo pelos exércitos romanos pagãos. O relato paralelo de Lucas deixa isso claro. Ele pega a língua hebraica de Mateus e a interpreta para seu público gentio: “Mas, quando virdes Jerusalém cercada por exércitos, reconhecei então que a sua desolação está próxima” (Lucas 21:20). Ele nos conta qual é a abominação: Jerusalém sendo cercada pelos exércitos romanos com o propósito de dizimar seu templo.

Os romanos cercaram Jerusalém em pelo menos duas ocasiões: sob Vespasiano, no cerco inicial, e mais tarde, sob Tito, não muito antes da destruição final do Templo. Sobre o cerco de Vespasiano, Josefo comenta:

“E agora, tendo a guerra passado por toda a região montanhosa, e também por toda a planície, aqueles que estavam em Jerusalém foram privados da liberdade de sair da cidade; pois aqueles que pretendiam desertar eram vigiados pelos zelotes; e quanto àqueles que ainda não estavam do lado dos romanos, seu exército os manteve, cercando a cidade por todos os lados.

(Guerra Judaica 4:9:1 §490)

Ele escreve que mais tarde Tito constrói “um muro ao redor de toda a cidade” (Guerra Judaica 5:12:1 §499).

Após o primeiro cerco, os cristãos devem fugir da Judéia. Na providência de Deus, Vespasiano retira-se do cerco quando Nero

morre; os cristãos então tiveram a oportunidade de escapar. O padre da igreja primitiva, Eusébio, observa que:

“O povo da igreja em Jerusalém foi ordenado por uma revelação, concedida a homens aprovados lá antes da guerra, a deixar a cidade e morar em uma certa cidade da Peréia chamada Pella. E quando aqueles que creram em Cristo vieram de Jerusalém para lá, então, como se a cidade real dos judeus e toda a terra da Judéia estivessem inteiramente destituídas de homens santos, o julgamento de Deus finalmente alcançou aqueles que cometeram tais ultrajes contra Cristo e seus apóstolos, e destruiu totalmente aquela geração de homens ímpios.”

(História Eclesiástica 3:5:3; cp. Mateus 24:16; Epifânio, De Pesos e Medidas, 15)

Quando os soldados romanos finalmente obtiveram vantagem no templo, Josefo registra como eles ergueram suas insígnias no templo, curvaram-se diante de sua divindade pagã e ofereceram incenso a César:

“Os romanos, após a fuga dos sediciosos para a cidade e após o incêndio da própria casa sagrada e de todos os edifícios ao redor dela, trouxeram suas insígnias para o Templo e as colocaram contra seu portão oriental; e lá eles ofereceram sacrifícios a eles, e lá eles fizeram Titus imperator, com as maiores aclamações de alegria.”

(Guerra Judaica 6:6:1 §316)

Assim, vemos o que o Senhor quer dizer com “abominação da desolação”. Agora estamos prontos para nos concentrar na declaração direta que menciona “a grande tribulação”. Mas estou cansado. Então vou oferecer esse estudo na próxima vez!

Parte 6

Consideremos o versículo que menciona diretamente “a grande tribulação”

Estamos chegando ao fim da nossa série sobre a grande tribulação no pós-milenismo. Se você perseverar até o fim, certamente será salvo! Consideremos o versículo que menciona diretamente “a grande tribulação”.

Em Mateus 24:21 o Senhor afirma que

“então haverá uma grande tribulação, como nunca ocorreu desde o princípio do mundo até agora, nem jamais ocorrerá.”

O ano 70 d.C. foi a pior catástrofe de todos os tempos? E quanto às duas grandes Guerras Mundiais? Certamente foram muito piores do que a Guerra Judaica do primeiro século com Roma. Como podemos explicar esta declaração de Jesus mantendo a nossa interpretação do primeiro século?

Quando consideramos isto no seu contexto bíblico, contudo, ampla informação apoia a minha conclusão de que o ano 70 d.C. está em vista. Observe os seguintes pontos.

Primeiro, Mateus 24:34 afirma que “todas estas coisas” ocorrerão em “esta geração”. Devemos notar que o versículo 34 aparece apenas

treze versículos após o versículo 21. Portanto, “a grande tribulação” deve ser uma destas “coisas” que ocorrerão em “esta geração”.

Em segundo lugar, mais catastrófico do que as nossas recentes Guerras Mundiais foi o Dilúvio de Noé. E deve ser ainda pior do que a suposta grande tribulação futura. Pois no Dilúvio de Noé toda a população humana pereceu, exceto uma família (1ª Pedro 3:20; 2ª Pedro 2:5). E ainda assim Jesus menciona o Dilúvio de Noé em seu contexto (Mateus 24:37-39). Então, algo mais deve estar acontecendo aqui.

Terceiro, para interpretar Jesus adequadamente, devemos compreender o uso da hipérbole na linguagem profética do Antigo Testamento. Muitas vezes descobrimos que a linguagem de julgamento na profecia é uma linguagem estereotipada, comum, altamente estilizada e poética. Por exemplo, em Êxodo 11:6 lemos estas palavras a respeito da décima praga no Egito: “Além disso, haverá um grande clamor em toda a terra do Egito, como nunca houve antes e como nunca mais haverá”. Qual é? A grande tribulação é o pior julgamento, conforme Mateus 24:21? Ou a décima praga sobre o Egito é a pior, conforme Êxodo 11:6?

Em Ezequiel 5:9 lemos sobre a destruição do templo no Antigo Testamento pelos babilônios: “Por causa de todas as suas abominações, farei entre vocês o que não fiz e nunca mais farei algo semelhante”. Mas em Mateus 24 isso acontece novamente. Estas são imagens apocalípticas, poéticas e dramáticas.

Na verdade, Josefo avalia a Guerra Judaica de forma semelhante a Cristo:

“Considerando que a guerra que os judeus fizeram com os romanos foi a maior de todas aquelas, não apenas as que ocorreram em nosso tempo, mas, de certa forma, daquelas de que já se ouviu

falar, ambas aquelas em que as cidades lutaram contra cidades, ou nações contra nações” (Guerras Judaicas, Prefácio 1 §1).

“Os infortúnios de todos os homens, desde o início do mundo, se forem comparados aos dos judeus, não são consideráveis como eram” (Guerras Judaicas, Prefácio, 4 §12).

“Nenhuma outra cidade sofreu tais misérias. . . desde o princípio do mundo” (Guerras Judaicas 5:10:5 §442).

Essa linguagem comparativa é usada até mesmo em circunstâncias mais mundanas e menos dramáticas nas Escrituras. Considere o excelente e elevado louvor de Ezequias e Josias – do mesmo livro! Ambos são declarados os melhores de todos os tempos:

2º Reis 18:5 (em relação a Ezequias):

“Ele confiou no Senhor, o Deus de Israel; de modo que depois dele não houve outro semelhante entre todos os reis de Judá, nem entre os que existiram antes dele”.

2ª Reis 23:25 (em relação a Josias):

“Antes dele não houve rei semelhante a ele, que se convertesse ao Senhor com todo o seu coração, com toda a sua alma e com todas as suas forças, conforme toda a lei de Moisés; nem depois dele surgiu alguém semelhante a ele”.

Tendemos até a usar a linguagem de maneira semelhante e ousadamente exagerada. É como dizermos ao nosso filho:

“Eu já não lhe disse um milhão de vezes para não fazer isso?”

Ou:

“Tenho muito trabalho a fazer”. Ou: “Isso vai levar uma eternidade para me endireitar”.

Assim, a declaração de Jesus no versículo 21 é um discurso dramático que enfatiza a natureza notável deste evento. Não foi feito para ser entendido literalmente.

Só falta mais um artigo! Por favor, junte-se a mim na próxima vez.

Parte 7

Alguns textos difíceis

Esta é minha última parte desta série sobre a grande tribulação conforme entendida no pós-milenismo. Chegamos agora a mais alguns textos difíceis.

A vinda de Cristo

Em Mateus 24:27 Jesus declara: “Porque assim como o relâmpago vem do oriente e se mostra até o ocidente, assim será a vinda do Filho do Homem”. Este é o tipo de linguagem que esperamos em relação à segunda vinda de Cristo, quando ele vier pública e gloriosamente para encerrar a história mundial. Cristo veio como um relâmpago no ano 70 d.C.: Como esse tipo de linguagem pode ser aplicado ao ano 70 d.C.?

Devemos entender esta declaração em termos de contexto. O Senhor acabara de advertir seus discípulos: “Se, portanto, eles vos disserem: 'Eis que ele está no deserto', não saiais, ou: 'Eis que ele está nos quartos interiores', não acrediteis neles” (Mateus 24:26). Devemos lembrar o relato de Josefo em Guerras Judaicas 2:13:5 [261-62] citado acima, que registra um episódio em que um falso profeta egípcio surgiu no deserto alegando uma grande libertação.

Jesus descarta isso afirmando que quando ele voltar fisicamente à terra, será um evento inconfundível: “Porque assim como o

relâmpago vem do leste e brilha até o oeste, assim será a vinda do Filho do Homem” (Mateus 24:27). O “para” (gar) aqui mostra que ele está dando a razão pela qual seus discípulos não deveriam pensar que ele está em algum deserto ou em algum lugar fechado. Quando ele retornar em sua segunda vinda, será tão visível e dramático quanto um relâmpago.

Então, novamente, vemos como as profecias de Mateus 24 se cumprem no primeiro século. Visto que estas profecias são para aquela época (Mateus 24:34), por que deveríamos optar por uma abordagem futurista do assunto?

As estrelas cairão

À medida que o Senhor continua detalhando os acontecimentos dramáticos, ele declara em Mateus 24:29: “Mas logo depois da tribulação daqueles dias o sol escurecerá, e a lua não dará a sua luz, e as estrelas cairão do céu, e os poderes dos céus serão abalados.” Parece que o universo está em colapso. Isso ocorreu literalmente em 70 d.C.?

Mais uma vez estamos diante de uma linguagem apocalíptica e hiperbólica. Considere Isaías 13:10–13, que é instrutivo para este ponto:

“Pois as estrelas do céu e as suas constelações não emitirão a sua luz; o sol escurecerá ao nascer, e a lua não fará brilhar a sua luz. Assim castigarei o mundo pela sua maldade, e os ímpios pela sua iniquidade; Também porei fim à arrogância dos orgulhosos e humilharei a arrogância dos cruéis. Farei com que o homem mortal seja mais escasso do que o ouro puro, e a humanidade mais escassa do que o ouro de Ofir. Portanto farei tremer os céus, e a terra será sacudida do seu lugar por causa da fúria do Senhor dos Exércitos, no dia da sua ira ardente”.

Apesar da aparência inicial, Isaías não se refere ao fim da história. No contexto, ele identifica claramente a Babilônia histórica do Antigo Testamento como o objeto deste julgamento: “O oráculo a respeito da Babilônia que Isaías, filho de Amoz, viu” (Isaías 13:1). No versículo 17 ele também menciona os medos como um elemento do julgamento de Deus contra eles: “Eis que vou incitar os medos contra eles”. Os medos não são apenas um povo da era do Antigo Testamento que não existe mais, mas também não teriam sentido se a linguagem anterior falasse de algum tipo de catástrofe cósmica. Na verdade, eles próprios seriam vítimas de tais eventos catastróficos.

Esta profecia refere-se à derrubada da Babilônia do Antigo Testamento, com a invasão Meda garantindo essa derrubada. O Deus do universo está agindo por meio de sua superintendência providencial; metaforicamente, ele está obscurecendo a luz do céu sobre esta nação poderosa. A mesma imagem aplica-se ao colapso de Jerusalém no ano 70 d.C. – que ocorrerá em “esta geração” (Mateus 24:34) quando o templo for destruído (Mateus 24:2).

Vindo nas nuvens

Em Mateus 24:30 o Senhor faz uma declaração notável. Infelizmente, a NASB [abreviação de uma tradução da Bíblia em inglês], que tenho usado ao longo desta série, está mal traduzida aqui. Portanto, citaremos tanto a versão King James quanto a versão padrão em inglês para melhor captar o significado do texto.

Neste versículo lemos uma declaração que se parece muito com a segunda vinda de Cristo. A KJV diz: “Então aparecerá o sinal do Filho do homem no céu: e então todas as tribos da terra lamentarão e verão o Filho do homem vindo nas nuvens do céu com poder e grande glória”. A ESV diz: “Então aparecerá no céu o sinal do Filho

do Homem, e então todas as tribos da terra lamentarão e verão o Filho do Homem vindo nas nuvens do céu com poder e grande glória”. Cristo veio nas nuvens em 70 d.C.?

Esta linguagem certamente poderia ser usada no segundo advento. Mas, mais uma vez, apenas três versículos depois, Jesus afirma de forma muito clara e contundente: “Em verdade vos digo que esta geração não passará até que todas estas coisas aconteçam” (Mateus 24:34). Portanto, devemos reconhecer que isso se refere ao evento do ano 70 d.C. Uma semelhança de linguagem entre o ano 70 d.C. e o segundo advento não deveria nos surpreender. Afinal, o ano 70 d.C. é um reflexo distante desse futuro, da vinda literal. Portanto, a mesma linguagem dramática também pode ser aplicada a ele.

Segundo a profecia de Jesus, haverá um “sinal do Filho do Homem no céu”. Ele está falando de algum tipo de sinal de que está à direita de Deus, e não no chão frio e duro. Eles aprenderão por algum sinal de julgamento que ele é elevado e exaltado, aquele que causa seu julgamento e angústia. Este sinal é (aparentemente) a fumaça do templo sendo destruída. Este será o sinal para os judeus de que o Filho do Homem não está mais morto, mas no céu, no trono de Deus, onde agirá contra eles em julgamento. Ele avisou os judeus de que isso aconteceria (Mateus 26:64). Afinal, ele prometeu aos seus discípulos: “Em verdade vos digo que alguns dos que aqui se encontram não provarão a morte até que vejam o reino de Deus, depois de ter chegado com poder” (Marcos 9:1).

Reunindo os eleitos

Outra característica confusa da profecia de Cristo é encontrada em Mateus 24:31: “E Ele enviará os Seus anjos com uma grande trombeta, e eles reunirão os Seus escolhidos desde os quatro ventos, de uma à outra extremidade do céu.” Isso está falando do

arrebatamento? Isso ocorreu em 70 d.C.? Seja qual for o significado deste versículo, devemos lembrar mais uma vez que Jesus afirma apenas três versículos depois que “todas estas coisas” acontecerão em “esta geração” (Mateus 24:34).

Na verdade é importante entender que a palavra “anjo” (gr.: *aggelos*) pode ser (e muitas vezes é) traduzida como: “mensageiro”. Nas Escrituras frequentemente se refere a mensageiros humanos. Encontramos esse uso em Mateus 11:10; Marcos 1:10; Lucas 7:24 e 27. Por exemplo, Jesus cita Malaquias 3:1 como se referindo a João Batista: “Este é aquele sobre quem está escrito: 'Eis que envio meu mensageiro [*aggelos*] adiante de vós, o qual prepara o teu caminho diante de ti” (Mateus 11:10).

Aqui Jesus está falando sobre enviar seus mensageiros para proclamar o evangelho da salvação. O colapso da economia da antiga aliança na destruição do templo é o sinal de que o evangelho da graça salvadora de Deus está se espalhando por todo o mundo. Os mensageiros estão transbordando as fronteiras do Israel do Antigo Testamento (cp. Salmos 147:19–20; Amós 3:2; Efésios 2:11–12). Deus acabou com os sacrifícios e os sacerdotes humanos (Hebreus 8:13); ele não limitará mais sua graça a uma única nação (João 4:20–24). Agora o evangelho irá a todas as nações (Mateus 28:18–20).

Quando os mensageiros saem e proclamam o evangelho, eles vão “de uma ponta a outra do céu”, o que significa de um horizonte (onde o céu “toca” o chão) ao outro, ou seja, em todas as direções (cf. Deuteronômio 4:32). Eles chamam as pessoas e as reúnem em um novo corpo, a igreja da nova aliança de Cristo. Na verdade, esta linguagem de “reunião” aparece numa passagem muito significativa em Hebreus 10:25, onde os judeus são ordenados a “reunir-se” como cristãos, e a não cair novamente no judaísmo: “Não abandonando a nossa própria reunião, como é o hábito de alguns, mas encorajando uns aos outros; e ainda mais quando vocês vêem o dia se aproximando”.

Conclusão

Como vimos nesta análise do ensino de Jesus sobre a grande tribulação, pode-se argumentar fortemente que a tribulação já passou, na medida em que a destruição de Jerusalém e do templo no ano 70 d.C. é essa grande tribulação. A grande tribulação acaba com a economia da velha aliança e estabelece a ordem da nova aliança. Como expressa o escritor de Hebreus: “Quando Ele disse: ‘Uma nova aliança’, Ele tornou obsoleta a primeira. Mas tudo o que se torna obsoleto e envelhece está prestes a desaparecer” (Hebreus 8:13).

Portanto, a grande tribulação está no nosso passado, não no nosso futuro. O pós-milenismo tem um lugar para a grande tribulação – no início da história cristã, não no fim. A perspectiva pós-milenista não é prejudicada pelos ensinamentos de Cristo sobre este tempo de terrível julgamento.

Obras importantes para pesquisa

Faça download de nossos outros títulos em

www.revistacrista.org

